

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPIRITO SANTO
CENTRO DE ENSINO UNIVERSITÁRIO NORTE DO ES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

ELISABETH DE JESUS PEREIRA

**AS FEIRAS DE REFORMA AGRÁRIA E A CONSTRUÇÃO E
SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

**SÃO MATEUS
2019**

ELISABETH DE JESUS PEREIRA

**AS FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA E A CONSTRUÇÃO E
SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação e Ciências humanas do Centro de Ensino Da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Educação Do Campo, Com habilitação Em Ciências Naturais. Orientador: Prof. Dr.: Daniel Mancio.

SÃO MATEUS

2019

ELISABETH DE JESUS PEREIRA

AS FEIRAS DA REFORMA AGRÀRIA E A CONSTRUÇÃO E SOCIALIZAÇÃO DO CONHECIMENTO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Educação e Ciências Humanas do Centro De Ensino Universitário Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Ciências Naturais.

Aprovada em _____ de _____ de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr.: Daniel Mancio
Universidade Federal do Espírito Santo
Orientador

Prof. Dr. Adelar João Pizetta
Universidade Federal do Espírito Santo

Prof. ME. Adelson Rocha Lima

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiro a Deus pela possibilidade de dar continuidade aos meus sonhos, a minha família, em especial, meu pai, a quem tenho muita admiração. Aos meus irmãos Aliene, Eliete e Geraldo pelos incentivos, especialmente a Geraldo, por dedicar tempo em prol de algumas ações que contribuiu de maneira direta na minha formação.

Ao meu filho Victor, que sempre veio e vem me animando, ajudando superar as barreiras, sempre dizendo o quanto se sente orgulhoso de minhas lutas diárias, pois isso me fortalecia e fortalece a cada dia como uma injeção de força para permanecer no curso e chegar até a conclusão.

A minha querida mãe *“in memoriam”*, que contribuiu de maneira mais verdadeira, sincera e especial, para que eu pudesse está em cada etapa do curso, até seu último dia, dedicando em minhas ausências a ser a mãe que meus filhos precisavam.

Agradeço também, a professora Josenete Coutinho, por me incentivar a retomar aos meus estudos, o que possibilitou meu ingresso na UFES e a conclusão desse curso. Agradecimentos também, a vizinha, companheira de estudo e sobrinha Rayane, que no decorrer desses 4 anos de estudos sempre tirou minhas dúvidas quando precisei e também me incentivou.

Agradeço a professora Sarah Oliveira, pois no início do curso, nos momentos mais difíceis a mesma, sempre esteve ali me incentivando a não desistir.

E não menos importante, mas também fundamental, o meu professor e orientador, companheiro de luta, organizador e feirante, Daniel Mancio, pela compreensão, incentivo ao me mostrar meu potencial enquanto estudante, feirante e militante. Por muitas vezes me dizer que eu poderia fazer melhor, por sempre me colocar para cima, para enfrentar os desafios sem desanimar, por me mostrar e ensinar a caminhar por ruas do conhecimento que jamais imaginava ser capaz de aprender, a me levava buscar além do que imaginava, agradeço pela confiança em mim depositada. Agradeço também, aos educandos do curso durante esses anos, por todo aprendizado concedido, pelas dúvidas geradas. Sou grata pela mulher que hoje sou, pois a universidade me transformou na busca insaciável pelo conhecimento.

Agradeço aos companheiros e companheiras de Turma Margarida Alves

RESUMO

As feiras da Reforma Agrária vêm sendo muito importantes para a materialização da Proposta de Reforma Agrária no ES, são durante as edições das Feiras que podemos perceber o dialogo entre campo e cidade. As edições das feiras tem nos mostrado não somente mudanças no novo jeito de perceber as organizações e movimentos sociais como também têm acontecido debates políticos pertinentes sobre toda nossa conjuntura atual. São nesses espaços que as alianças entre o campo e a cidade são fortalecidas para além da exposição e vendas dos produtos. Nesse encontro do trabalhador do campo com o trabalhador da cidade há uma afirmação da necessidade de um novo jeito de nos relacionamos dentro da nossa sociedade. Busquei nesse trabalho investigar os avanços e desafios desse diálogo e principalmente a produção do conhecimento oriundo das feiras da Reforma Agrária. Para tanto foi utilizado entrevistas semiestruturadas na terceira edição da feira estadual da Reforma Agrária com feirantes, dirigentes/organizadores, sendo eles: homens mulheres e jovens com a idade entre 18 a 58 anos. Concluiu-se que a partir desse espaço social político e cultural, criam possibilidades para troca de varias experiências, sejam elas populares ou científicas, é um espaço que garante o reconhecimento do trabalho no campo, e contribui de maneira muito mais alargada sobre o próprio conceito de território camponês, a mesma também trás um retorno ao feirante no seu espaço de atuação, onde se viabiliza diferentes maneiras de aperfeiçoar no trabalho de produção e vendas dos seus produtos.

Palavras-chaves: Feiras – Reforma Agrária – Conhecimento – Produção

RESUMEN

Las ferias de reforma agraria, están siendo muy importante para la materialización de la propuesta de reforma agraria en el ES, son durante las ediciones de ferias que podemos percibir el diálogo entre el campo y la ciudad. Las ediciones de las ferias nos han mostrado no sólo cambios en la nueva forma de percibir organizaciones y movimientos sociales, como también han ocurrido debates políticos pertinentes sobre nuestra coyuntura actual. Es en estos espacios que las alianzas entre el campo y la ciudad se fortalecen más allá de la exposición y venta de los productos. En este encuentro de trabajadores del campo con los trabajadores de la ciudad se afirma la necesidad de una nueva forma de relacionarse dentro de nuestra sociedad. En este trabajo busqué investigar los avances y desafíos de este diálogo y especialmente la producción de conocimiento según las ferias de reforma agraria. Para ello, en la tercera edición de la Feria Estatal de reforma agraria se utilizaron entrevistas semiestructuradas con feriantes, líderes/organizadores, siendo ellas: Hombres y mujeres de 18 a 58 años. Se llegó a la conclusión de que a partir de este espacio social político y cultural, crean posibilidades de intercambiar diversas experiencias, ya sean populares o científicas, es un espacio que garantiza el reconocimiento del trabajo en el campo, y contribuye mucho más ampliamente. Sobre el concepto mismo de territorio campesino, también trae un retorno a la feria en su área de acción, donde diferentes formas de perfeccionar la producción y venta de sus productos son factibles.

Palabras clave: Ferias – Reforma Agraria – conocimiento – producción

LISTA DE SIGLAS

CDA – Compra direta de Alimentos

MST – Movimento dos trabalhadores Rurais Sem Terra

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

RA – Reforma Agrária

UFES– Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
METODOLOGIA	12
CAPÍTULO I: QUESTÃO AGRÁRIA E A REFORMA AGRARIA POPULAR	14
CAPÍTULO II: AS FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA: A MATERIALIZAÇÃO DO DEBATE DA REFORMA AGRÀRIA POPULAR	22
CAPÍTULO III: AS FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA NO ES E A ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA	26
CAPÍTULO IV: AS FEIRAS DA REFOMA AGRÁRIA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	41

INTRODUÇÃO

As feiras da Reforma Agrária representam de modo geral a organização dos processos de produção de conhecimentos, e alimentos oriundos de assentamentos da Reforma Agrária, são movimentos de caráter social, econômico, político e cultural que vem ocorrendo em nível Estadual, no município de Vitória, Espírito Santo. No presente trabalho buscamos desenvolver a pesquisa durante a realização da 3ª Edição das Feiras.

Para o MST, a realização das feiras tem como objetivo principal apresentar e debater com a sociedade a necessidade e urgência do projeto de Reforma Agrária Popular como instrumento de democratização do acesso a terra e de garantia de vida digna e de qualidade às famílias camponesas. O projeto se propõe a garantir a produção de alimentos saudáveis e acessíveis a toda a população, protegendo o meio ambiente e enfrentando o modelo do agronegócio. (MST, 2014)

Para o MST, ao mesmo tempo em que a realização das Feiras tem representado construção de um espaço de luta e de expressão da identidade camponesa e da cultura popular brasileira, que se manifesta pela organização das famílias, organização da produção, na diversidade dos alimentos, na troca de conhecimentos e no cuidado com a terra e com a arte, seja música, dança, teatro, artes plásticas, dentre outros aspectos que materializam o contexto da Reforma Agrária Popular em permanente construção (MST, 2014).

E essa pesquisa nasce a partir do meu engajamento dentro da produção e da comercialização dos produtos que levo para as feiras, tenho trabalhado desde as pequenas feiras livres no mercado do município de Pedro Canário e região, também na minha inserção na comercialização dos produtos em programas como; PAA, PNAE e CDA, nos espaços educativos como UFES e também dentro das feiras municipais e nas feiras municipais e nas feiras da Reforma Agrária que vem acontecendo em nível estadual e nacional.

Diante disso a presente pesquisa também nasce a partir do projeto de extensão e da necessidade de melhor sistematizar o desenvolvimento das feiras da Reforma Agrária Popular e da produção e socialização de conhecimentos que ali se manifesta, organiza e transforma a realidade de muitos feirantes, busquei investigar como acontece o aperfeiçoamento do trabalho artesanal

dentro das feiras e como a mesma aproxima os trabalhadores rurais aos consumidores da cidade, estabelecendo diversas trocas de experiências por meio da exposição da produção de alimentos.

Portanto, sistematizar a produção e a organização das famílias em seu aspecto produtivo se faz pertinente e ao mesmo tempo necessária, pois constitui um conjunto de conhecimentos, técnicas e saberes, que incorporam princípios agroecológicos e culturais as práticas agrícolas, e enquanto prática política possibilita a solidariedade, autonomia, contribui para a soberania alimentar, valorizando o trabalho no campo e possibilitando um aumento na renda familiar, assim fortalecendo a reforma agrária e a agricultura camponesa.

A presente pesquisa buscou sistematizar os avanços da organização da produção construídos dentro das feiras da reforma agrária a partir das trocas de experiências entre o produtor e consumidor, e como também entre os mesmos produtores, buscando investigar como a mesma também interfere na organização produtiva das famílias, e como esses saberes potencializam algumas práticas e aprendizagens para o avanço dos sujeitos na sua relação social, política, econômica e cultural.

Visto isso, organizei o trabalho da seguinte maneira; no primeiro capítulo, “Questão Agrária e a Reforma Agrária Popular”, falarei sobre o debate de maneira geral entorno do conceito de reforma agrária, a partir de qual necessidade a mesma nasce, sobre os desafios e avanços, ao mesmo tempo relacionando sua integração ao MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra). Busquei ainda no mesmo capítulo abordar como o projeto da Reforma Agrária ainda se encontra em continuidade pertinente, devido aos desafios impostos pelo agronegócio ainda com maior intensidade e agressividade, traçando por fim a real tarefa e objetivos da reforma agrária popular e suas contribuições dentro das feiras de reforma agrária.

No segundo capítulo, “As feiras da Reforma Agrária: A materialização do debate da Reforma Agrária Popular”, abordaremos como as Feiras tem contribuído para a materialização e fortalecimento do projeto de Reforma Agrária, descrevendo como a mesma vem acontecendo a nível nacional, estadual, tendo como foco as feiras do Espírito Santo. No terceiro capítulo, “As

feiras da reforma Agrária no ES e a organização produtiva”, abordei de maneira mais específica, como se dá o processo de construção do conhecimento e a própria organização produtiva das famílias para comercialização de seus produtos nas feiras.

No capítulo quatro, relacionei a pesquisa de campo com o embasamento teórico, busquei descrever as experiências das famílias dentro da sua própria organização produtiva, e a busca mais qualificada para uma produção agroecológica. Por fim, nas considerações finais teci de maneira simples e direta as perspectivas das famílias dentro das feiras, da própria organização produtiva e das contribuições do conhecimento para a produção.

Trago aqui, não somente minha conquista em realizar uma pesquisa de grande importância para a classe camponesa, mas a certeza de que sistematizá-la é fazer com que o projeto de Reforma Agrária possa avançar cada vez mais dentro da nossa sociedade.

METODOLOGIA

Na busca por tentar compreender como se dá a organização produtiva das famílias e a produção do conhecimento dentro das feiras da Reforma Agrária, abordei varias pessoas para coletar informações que possa contribuir com o desenvolvimento da minha pesquisa, sendo elas feirantes vindos dos assentamentos de todas as regiões do nosso estado e também alguns dirigentes do MST. O conhecimento do pesquisador por meio das entrevistas é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja elas, pequenas ou grandes, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações. Durante a pesquisa preocupeei, portanto, com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Visto isso, para elaborar a sistematização do conhecimento dentro da pesquisa que exige tanto técnica quanto metodologia, para por fim, estabelecer o diálogo entre os feirantes detalhei como, e quais os métodos foram utilizados, para coletar todos os dados necessários contidos nessa pesquisa, entendendo que a mesma é composta por varias fases desde a sua problematização até seus resultados finais, segundo GIL (2007).

(...) procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. (GIL, 2007, pág.17).

É importante salientar segundo Fonseca (2002), metodologia é o estudo da organização, dos caminhos a serem percorridos, para se realizar uma pesquisa ou estudo, vale lembrar que também há uma diferença entre metodologia e método, pois a metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido, pois a metodologia se interessa pela validade do caminho escolhido, para se chegar ao fim proposto pela pesquisa; portanto, não deve ser confundida com o conteúdo(teoria),nem com os procedimentos (métodos e técnicas).Dessa forma, a metodologia vai além da descrição dos procedimentos (métodos e técnicas a serem utilizados na pesquisa) indicando a escolha teórica realizada pelo pesquisador para abordar o objeto de estudo.

Para Minayo (2001), esse tipo de pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Para que eu possa materializar a minha pesquisa utilizei, por meio de entrevista semiestruturada, o roteiro está no apêndice 1, com algumas questões que nortearam o corpo da mesma. As entrevistas aconteceram durante a III Edição da Feira Estadual da Reforma Agrária, no município de Vitória, na Praça Costa Pereira, localizada no centro de Vitória. Foram entrevistados 22 (vinte e duas) pessoas, sendo 12 (doze) feirantes e 10 (dez) dirigentes/organizadores do MST, sendo um público variado entre homens, mulheres e jovens. Os entrevistados são identificados ao longo da pesquisa como feirantes e/ou dirigentes/organizadores, com suas respectivas idades fictícias.

CAPÍTULO I: QUESTÃO AGRÁRIA E A REFORMA AGRÁRIA POPULAR

Discorrer a fundo sobre a epistemologia da abordagem da palavra Reforma Agrária, é compreendê-la não somente num dado momento histórico, mas desenvolver a partir desse conceito, provocações aliás e perspectivas para se pensar e dialogar a Reforma Agrária a partir da nossa estrutura fundiária, para que de fato possamos refletir sua relação com as feiras da reforma agrária que vem ocorrendo. Neste sentido, busca-se neste capítulo, sistematizar os desafios da Reforma Agrária Popular, enquanto uma organização social voltada para áreas de assentamentos, para que assim possamos elencar seus objetivos e necessidade da mesma dentro das feiras, e sobre tudo, na promoção do diálogo na sociedade entre o campo e cidade.

Desde o início da formação da sociedade brasileira, vivenciamos três tipos de modelos para organização do trabalho e da produção agrícola: o modelo agro exportador, o modelo de industrialização dependente e o novo modelo de dominação do capital financeiro. Segundo MST (2006), o primeiro modelo nasce durante o período colonial, na qual a agricultura brasileira estava destinada apenas para a produção de matéria prima agrícola que interessavam os europeus, de lá pra cá, temos o domínio do território brasileiro por parte dos mesmos, e a introdução de criação de gado e culturas como cana de açúcar, cacau, algodão e café.

De acordo com Stedile,(2005) durante esse período mais de 80% da produção era exportada para fora do país, caracterizado pelo modo de produção conhecido como “plantation”, ou seja, pela monocultura, vastas extensões de terras e principalmente a utilização da mão de obra escrava, sendo um modo de produção que perdurou durante os anos de 1500 a 1850, e nessa época os europeus usufruíram de algumas plantas nativas para produção em escala e transforma-las em mercadorias destinadas ao mercado europeu, e esse modelo de produção capitalista, foi denominado; modelo agroexportador. Segundo Stedile,(2005) os colonizadores capitalistas desse período foram estimulados a investir seu capital no brasil para produzir mercadorias para exportação ,em troca a coroa garantia a posse de grandes extensões de terras ,tendo como

critério para os selecionados; a “concessão de uso” das terras, ter o capital disponível, e o comprometimento de produzir mercadorias para exportação ao mercado europeu, esse termo “concessão de uso” lhes dava o direito hereditário, onde os herdeiros dos colonizadores capitalistas poderiam ter posse das terras e explorá-las, mas os mesmos não tinham o direito de vendê-las ou de comprar as propriedades vizinhas, nesse período as terras não eram tidas como propriedades privadas, e não eram tratadas e nem negociadas como mercadorias.

De acordo com Stedile,(2005) a primeira lei de terras no país, foi um marco para a economia e início de crise do trabalho escravo que já havia crescendo desde então. A lei Nº 601 de 1850, era para implantar no Brasil a propriedade privada das terras, ou seja, essa lei dava fundamentos jurídicos para a normalização da propriedade privada, e a partir dessa lei a terra passa a ter preço, antes a terra era vista apenas como um bem da natureza, passou a ser um objeto a ser negociado. Essa lei fez com que quem tinha apenas “concessão de uso” das terras passasse a ter direito a ser proprietários, e isso lhes deu o direito de vender e a comprar propriedades desde que pagassem um determinado valor a coroa. Segundo Stedile (2005), através da lei 601 que o modelo de grandes propriedades foi regulamentada e consolidada no Brasil, e a base estrutural injusta da apropriação de terra, e até os dias atuais se baseiam legalmente nessa lei, e é nesse período que a população se revolta e surge muitas mobilizações, segundo ele os trabalhadores fugiam, se rebelavam, e através dessas rebeliões, os quilombos se multiplicavam, e multiplicavam também os movimentos favoráveis ao abolicionismo, só em 1888, com a promulgação da lei áurea que ficou consolidado o que na prática já vinha acontecendo, e segundo ele o Brasil foi o último país a abolir a escravidão, e foi através da lei áurea de 1888, quando os trabalhadores que eram escravizados do trabalho escravo, mas não podiam ser transformados em camponeses, e nessa época os ex-escravos, ao saírem das fazendas se deslocaram para as cidades a procura de alternativas para sua sobrevivência, vendendo suas forças de trabalho como cidadãos livres.

Stedile,(2005) relata que de 1930 a 1945 a produção latifundiária ainda era apenas para a exportação, e esse modelo agroindustrial, com a tentativa de

modernização da exploração agrícola ,esse processo foi de modernização capitalista da propriedade rural, e também nessa época em que os trabalhadores camponeses são induzidos a criar vínculos as regras do mercado e se integram a indústria, e foi a partir daí que surgiu o setor industrial vinculado a agricultura, onde as indústrias produziam adubos químicos ,maquinas, venenos e insumos para a agricultura, e com isso surge também a burguesia agrária. Segundo Stedile,(2005) os camponeses surgem em um período histórico ,em um dado momento em que foram induzidos a se integrem ao sistema capitalista e a industrialização dependente.

Já no modelo de industrialização dependente, segundo MST (2006), vem a partir da necessidade da própria indústria, nesse sentido, a agricultura passou a funcionar de duas maneiras, primeiro mantinha sua grande propriedade dedicada à exportação de matérias primas, pois assim garantia dólares para financiar a importação de maquinários, o que fez com que começasse a ser organizado o que até então não existia, que era a agricultura camponesa. A partir daí, a agricultura camponesa começa a se constituir por migrantes da Europa e por uma enorme quantidade de trabalhadores de origem mestiça, e outros mulatos das regiões do entorno.

A agricultura camponesa durante esses 50 anos, cumpriu um importante papel durante o processo de acumulação de riquezas para o setor industrial, pois coube aos camponeses enviar seus filhos como mão-de-obra barata para trabalhar nas fábricas das grandes cidades, o que ampliava cada vez mais o exército industrial de reservas e com isso garantindo a manutenção de salários baixos a classe trabalhadora MST(2006)

Para Marx (1989), a acumulação capitalista de produção sempre produz e na proporção de sua energia e extensão, uma população trabalhadora relativamente supérflua, ou seja, há sempre na expansão do capital uma força de trabalho excedente, que constitui o chamado exército industrial de reserva. Para Marx (1989), essa massa de trabalhadores “sobrantes” foi formada pela elevação da própria composição orgânica do capital, isto é, pela inserção de maquinários e outros aparatos tecnológicos para a redução da força de trabalho. Assim, na medida em que o capital avança com várias modificações no processo

produtivo, novos métodos da própria gestão da força de trabalho e sobre tudo a exploração e acumulação de riquezas também é reinventada para atender a necessidade do próprio capital, assim, a classe trabalhadora é expulsa do emprego e do próprio campo da produção. Mas não somente isso foi fruto da industrialização, ocorre também dentro do alargamento do exército reserva a manutenção e/ou redução dos salários, o que leva a classe trabalhadora a receber valores baixos e incapazes de atender as suas próprias necessidades.

Nesse momento, segundo MST (2006), foi a partir da implementação da industrialização que nosso país se urbanizou, mas em contrapartida iniciou-se estímulos ao êxodo rural, o camponês agora não tinha como manter sua organização produtiva e nem condições de competir com o capital, os camponeses produziam alimentos baratos para o mercado interno o que possibilitou que alguns camponeses pudessem sobreviver com condições precárias. Gerou neste momento também, a subordinação do agricultor à agroindústria, na qual camponeses vendiam sua produção agrícola na forma de matéria prima para serem beneficiados pela mesma, gerando uma integração dentro do mercado de trabalho, mas possibilitando um sistema de dependência dos camponeses por parte da indústria como um todo, seja, na venda da matéria prima, na compra de insumos necessários para agricultura, fertilizantes, venenos, ferramentas e maquinários.

Segundo MST (2006), é partir da década de 1980, que o modelo de industrialização dependente entra em crise, iniciando então o modelo de dominação do capital financeiro e das empresas transnacionais, na qual a classe dominante passa a se aliar de forma subordinada ao capital financeiro, implantando o modelo econômico chamado de neoliberalismo.

Assim a partir do século XX, temos o processo de industrialização, na qual segundo Graziano da Silva (1981) e Oliveira (1997), apontam que a matriz da racionalidade capitalista começa a se impor na agricultura por meio da chamada Revolução Verde, em que se projetou o aproveitamento de sucatas bélicas para industrialização da agricultura, dando destaque aos maquinários e agrotóxicos. Os mesmos destacam que essa nova forma de produzir impôs seus pacotes tecnológicos de sementes, adubos, agrotóxicos, e maquinários aos agricultores

por meio da assistência técnica e dos financiamentos bancários. Para os autores, a expansão desse modelo agrícola capitalista abriu brecha para que muitos latifundiários modernizassem sua produção e tornassem empresários rurais, se associando cada vez mais a agricultura à indústria e produzindo uma maior concentração fundiária.

Segundo os autores esse novo modelo agrícola capitalista expulsou do campo muitos agricultores, em decorrência da concentração fundiária e da dependência crescente em relação às indústrias da agricultura, que gerou grandes endividamentos. A partir desse cenário, podemos perceber a necessidade de se desvincular desse modelo de produção hegemônico em busca de um modelo mais alternativo como a agroecologia. De acordo com MST (2005), precisamos de uma ciência que dialogue com o saber do povo e que busca entender as relações entre nós seres humanos e a natureza, essa ciência que chamamos de agroecologia nos propõe dialogar entre as diversas correntes de pensamento ligados a agricultura e os saberes dos agricultores ligado a agroecologia.

Segundo MST (2005), o conhecimento dos agricultores sobre a agroecologia tem a mesma idade da agricultura, ou seja, mais de 10 mil anos e nasceu das mãos dos agricultores de tudo o mundo, e é fortalecida através da união dos saberes populares e também de setores da pesquisa científica, dos avanços, das abordagens participativas, de assessoria técnica e extensão rural. Para o MST a agroecologia para ser construída de fato é preciso mais investimento na organização, de mobilização popular e promover processos de luta social, de defender a agroecologia enquanto projeto político para a agricultura camponesa. A agricultura camponesa, e um trabalho que se baseia na cooperação, onde todo o núcleo familiar participa, com estratégias de produção diversificada, e com isso contribui para um avanço no sentido econômico.

De acordo com MST (2014), a Reforma Agrária Popular não é um programa elaborado apenas para os trabalhadores que vivem no campo, ela abrange a todos os sujeitos que busca e acredita em uma sociedade melhor, e isso só acontecerá na construção de alianças entre toda a classe trabalhadora, tanto os trabalhadores do campo quanto os trabalhadores da cidade, e ressalta ainda que a Reforma Agrária popular não é um programa elaborado apenas para os

trabalhadores que vivem no campo, ela abrange a todos os sujeitos que busca e acredita em uma sociedade melhor, e isso só acontecerá com a construção de alianças entre toda a classe trabalhadora, tanto os trabalhadores do campo quanto os trabalhadores da cidade, é uma Reforma Agrária para o bem comum de todo o povo brasileiro. No cenário brasileiro atual, há dois modelos de agricultura em discurso, que são; o agronegócio e a agricultura camponesa.

De acordo com MST (2015), o agronegócio é o modo de produção que representa a burguesia agrária e o capital financeiro internacionais, as grandes empresas multinacionais através das privatizações das taxas de juros. Já a agricultura camponesa se baseia na produção familiar de alimentos, mantidas pelos assentamentos, pequenos produtores rurais, comunidades quilombolas, meeiros e arrendatários. Segundo o MST (2015) o agronegócio com o objetivo de produzir em escala e controlar toda a cadeia produtiva, tanto as sementes quanto os produtos industrializados, nessa lógica, a agricultura tem sido controlada tanto na produção, quanto na comercialização dos produtos agrícolas, a produção do agronegócio é para acumular lucro no exterior e para atender as demandas do mercado mundial, e não para suprir as necessidades da população brasileira.

Sabemos que a necessidade da Reforma Agrária se intensifica a partir do avanço do agronegócio na agricultura brasileira. De acordo com Mancio (2012), o agronegócio desenvolveu as forças produtivas, que bloqueou a proposta clássica da Reforma Agrária, o que forçou a classe trabalhadora a construir uma nova pauta de luta para conquistar objetivos da Reforma Agrária. Agora não mais a clássica como aconteceu em vários outros países, mas a popular. A partir daí surge a necessidade de ser uma Reforma Agrária Popular com a pauta de luta construída pelo povo e para o povo, tendo a necessidade de alteração do próprio lema e a tarefa central voltada para produção de alimentos saudáveis para toda a sociedade.

A partir do surgimento dessa nova pauta de luta, surge também a necessidade de garantir a soberania alimentar do povo brasileiro e apoiando-se na produção de alimentos saudáveis, assim, desenvolveu-se por meio do MST, um novo modo de trabalhar o desenvolvimento do campo, pensar em uma lógica diferente para contrapor a concentração fundiária arraigada pelo agronegócio.

Se analisarmos nosso contexto histórico brasileiro, podemos perceber que essa herança tem suas raízes de fato desde o período colonial, mais precisamente no Brasil império, com a reorganização da estrutura administrativa do território, as Capitânicas Hereditárias¹ e Sesmarias², na qual iniciava-se no nosso país as primeiras formas do latifundiário.

Nessa perspectiva de atuação política, a Reforma Agrária Popular, vem abordando objetivos comuns para e com a sociedade brasileira, porém seu papel em síntese, muitas vezes não é reconhecido de maneira massiva, principalmente pelos sujeitos que moram nas áreas urbanas, tendo compreensão maior dos seus objetivos pela classe mais marginalizada, a classe trabalhadora.

A proposta da Reforma Agrária Popular incide sobre questões fundamentais dos camponeses e camponesas, diretamente relacionadas com as necessidades de toda a sociedade, por isso, a mesma possui um caráter popular. Conforme MST (2006), os objetivos permeiam a eliminação da pobreza no campo; o combate à desigualdade social, seja pela exploração dos camponeses, pela degradação da natureza, a concentração fundiária de terras e da própria produção, busca garantir trabalho e educação para todas as pessoas que vivem no campo, distribuição de renda, soberania alimentar a toda população brasileira, participação igualitária das mulheres em todas as atividades, principalmente no acesso a terra, assim também como, preservar a biodiversidade vegetal, animal e cultural dos nossos biomas, garantir condições de melhoria de vida a todas as pessoas e oportunidades iguais de trabalho, renda, educação, moradia e lazer, estimulando a permanência das mesmas no campo, em especial a juventude. Assim, podemos perceber que o projeto de Reforma Agrária tem objetivos que complementam um projeto de vida social e político, pois busca garantir dentro dos seus objetivos um posicionamento também ideológico.

¹ As Capitânicas Hereditárias foram um sistema administrativo implementado pela Coroa Portuguesa no Brasil em 1534.

O território do Brasil, pertencente a Portugal, foi dividido em faixas de terras e concedidas aos nobres de confiança do rei D. João III (1502-1557). Essas poderiam ser passadas de pai pra filho e por isso, foram chamadas de hereditárias.

² Sesmarias eram terrenos abandonados pertencentes a Portugal e entregues para ocupação, foi aplicado como forma de garantir a posse do território.

A proposta da Reforma Agrária como um projeto de vida, segundo MST (2006), reflete os anseios da classe trabalhadora brasileira e da sua luta constante pela garantia de uma nova sociedade mais justa, igualitária, solidária, humanista e ecologicamente sustentável, a fim de desenvolver um processo de mudanças na atual estrutura de organização da produção e da relação do ser humano com a natureza em nossa sociedade, de modo que os objetivos da reforma agrária possam superar principalmente a exploração, a dominação política, a alienação ideológica e a destruição da natureza que estão constantemente presente no nosso dia a dia.

CAPÍTULO II: AS FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA: A MATERIALIZAÇÃO DO DEBATE DA REFORMA AGRÁRIA POPULAR

Antes de discorrermos sobre os processos da organização produtiva e a construção de conhecimento dentro das Feiras, torna-se necessário dialogarmos sobre o que são as feiras e seus objetivos, esclarecer como as mesmas acontecem para que de fato possamos tecer os avanços e desafios ainda pertinentes nos próximos capítulos seguintes.

“A feira da Reforma Agrária Popular foi um dos anseios do MST capixaba, que se materializou após 3 décadas de existência do Movimento.”, são com as falas de um dos organizadores/dirigentes durante a III Edição das Feiras da Reforma Agrária estadual . De fato, a materialização das Feiras tende a ser um reflexo da pauta do Movimento, “é uma das formas de prestar conta para a sociedade, provar que a reforma agrária dá certo, reconhecendo o apoio recebido pela vida longa do Movimento.” Para os integrantes que aderem a pauta, a realização das feiras é também uma manifestação da democratização e acesso a terra, mostrando possibilidades concretas de produzir alimentos saudáveis, respeitando a terra, o trabalho e o próprio trabalhador.

Segundo MST (2014), a proposta do programa de Reforma Agrária, reúne medidas amplas e abrangentes que representam e sintetizam as principais ideias sobre um modelo de agricultura que os camponeses, trabalhadores defendem, sendo um modelo de resistência ao modelo de agricultura voltado para a necessidade do povo brasileiro, contra o modelo capitalista do agronegócio, que propõe um processo de acúmulo de forças.

Há no modelo de produção da Reforma Agrária Popular, um canal de comunicação com toda a sociedade e com os setores da classe trabalhadora, pois deixa explícito os objetivos da classe, a bandeira de luta, a necessidade de democratizar a terra e garantir sua função social, como também priorizar a produção de alimentos saudáveis. É a partir desses objetivos que é construído o lema do MST, “Lutar, construir Reforma Agrária Popular”, segundo MST (2014), a palavra lutar faz parte da história da classe trabalhadora, pois representa tudo o que a mesma já conquistou e vem conquistando, seja o

acesso a terra, a educação, a saúde, acesso ao crédito para auxiliar na produção e comercialização dos seus produtos, na luta por direito a moradia, na defesa de uma agricultura livre de transgênicos e de sementes geneticamente modificadas, contra o uso de agrotóxicos, contra a corrupção e principalmente toda forma de opressão e dominação.

Já a palavra construir abrange a construção da própria Reforma Agrária, no combate ao latifúndio, a monocultura exportadora, ao modelo de agronegócio, ao Estado burguês, burocrata e corrupto. Sendo uma construção pautada nas experiências de produção agroecológica, na prioridade da produção de alimentos saudáveis, no reflorestamento de áreas degradadas, na recuperação do meio ambiente para toda a sociedade, na garantia de escolas em todos os níveis para crianças, jovens e adultos, e principalmente na formação de militantes em defesa da Reforma Agrária Popular.

Segundo MST (2014), a Reforma Agrária é construída por meio da análise da realidade agrária, que segue dominada pelo projeto do capital, houve a necessidade de mudança na velha pauta da Reforma Agrária Clássica, sob a hegemonia burguesa, em apenas distribuir terras e desenvolver forças produtivas do campo e do mercado interno. A nova pauta de Reforma Agrária Popular, esta além do velho projeto, as raízes da nova pauta brotam e crescem de um único lugar, do enfrentamento dos sujeitos trabalhadores contra as forças do capital.

A Reforma Agrária Popular tem vinculação direta com o legado histórico dos 30 anos do MST e do passado de lutas massivas camponesas e nos permite projetar as alianças de todo o povo e as relações que queremos e necessitamos desenvolver com a terra, o território e a produção para construirmos uma sociedade justa, igualitária e fraterna para todos. (MST, 2014, pág. 52)

Assim as realizações das feiras expressam a todo esse desejo da construção da Reforma Agrária Popular. Para os feirantes a exposição e vendas de seus produtos vão além do modo de produzir, há toda uma preparação, uma transição agroecológica para atender a necessidade de produtos de qualidade que respeite a vida, com qualidade e que sejam saudáveis. Os feirantes reconhecem que dentro de todo esse processo de produzir os alimentos, os mesmos também

são articuladores e organizadores na preparação, no processamento e rotulagem dos seus produtos para serem levados para a feira, e dessa forma identificar o seu produto junto com as demais produções vinda das todas as regiões do nosso estado.

Para fazer acontecer a feira, cada camponês e camponesa, trabalhador e trabalhadora, precisa se articular, reunir e organizar. Durante as reuniões os mesmos devem priorizar alguns produtos de algumas famílias e abrir mão de outros para que a comercialização também seja produtiva para ambas. Os mesmos também, realizam com antecedência uma expectativa em relação a quantidade de alimentos que devem ser levados, há dentro dessa organização preocupações quanto a estética dos produtos, como rotulagem, embalagens, informações técnicas que possam fortalecer a própria identidade do mesmo.

Na primeira feira capixaba de produtos da Reforma Agrária aconteceu nos dias 1,2 e 3 de setembro de 2016 na Praça Costa Pereira no centro de Vitória, os organizadores produziram etiquetas para identificação da origem do produto, dando ênfase ao logotipo do MST. Hoje os feirantes percebem que já conseguiram criar nos demais participantes uma preocupação quanto a rotulagem, o que vem garantindo produtos cada vez mais elaborados e com informações. Alguns dos organizadores destacam que as feiras da reforma agrária mostrou a necessidade do MST/ES construir uma marca que representasse uma parcela da produção dos produtos dos assentamentos, com foco nos industrializados, o que possibilitou a marca “Terra de Sabores”, que hoje é uma materialização desse feito, já reconhecida nacionalmente, através do café, geleia, licores, doces, pimenta do reino, entre outros.

Dentro de todo esse processo cabe também aos feirantes como organizadores, articular transportes, alojamentos, momentos de integração e lazer, e principalmente a prestação de contas. Cada brigada ou regional fica responsável por gerenciar sua barraca, sendo que não há espaço para todos os trabalhadores no processo das vendas, assim os mesmos se organizam por representações de lideranças, fazendo um rodízio entre uma edição e outra, durante todo o processo de organização. “As feiras da reforma agrária são construções coletivas que vem superando barreiras. Transformam ruas, praças,

avenidas em territórios da reforma agrária.”, como destaca um dos organizadores.

CAPÍTULO III: AS FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA NO ES E A ORGANIZAÇÃO PRODUTIVA

As feiras da Reforma Agrária tem sido uma importante ferramenta para a materialização concreta do Projeto de Reforma Agrária, dialogaremos neste capítulo quais as perspectivas e desafios das Feiras de Reforma Agrária, para os camponeses, trabalhadores e trabalhadoras rurais envolvidas neste processo contínuo de materialização. Para discutimos especificamente sobre as feiras e sua organização produtiva, utilizei por meio de citações diretas e indiretas os resultados oriundos da metodologia, a fim de sistematizar de maneira mais concreta o processo da organização dos feirantes e suas contribuições para realização do projeto como um todo, além de outras sistematizações de materiais produzidos pelos assentados dentro do grupo articulador, o que contribuiu de maneira positiva para a própria organização do evento. As entrevistas foram realizadas durante a III Feira de Produtos da Reforma Agrária Capixaba que aconteceu entre os dias 13 e 15 de setembro de 2018, na Praça Costa Pereira, centro de Vitória, foram durante esses dias que pude contar com a colaboração de diversos feirantes para produção desse material.



Figura 1: Visitantes, na 3ª Feira de Vitória da Reforma Agrária, compram, aprendem sobre agroecologia e trocam saberes entre campo e cidade / Fotos: Vitor Taveira.

Sabemos que entender a complexidade do significado mais amplo da Reforma Agrária é compreender o mesmo como um projeto para desenvolvimento de uma sociedade mais justa e solidária, contrapondo o modelo hegemônico idealizado no grande cenário capitalista, não somente na comercialização dos produtos, mas na própria maneira de viver e dialogar com a natureza e sociedade como um todo. Entre todas as entrevistas pude perceber objetivos semelhantes ao tentar definir o que são as feiras de reforma agrária, pois as mesmas representam para os feirantes e dirigentes/organizadores, um espaço de relação social do campo com a cidade, além de contribuir para geração de renda das famílias do campo, como também o aperfeiçoamento do produto e da própria comercialização.

É um espaço de organização, é um espaço de relação de um movimento social do campo com organizações da cidade, também um espaço econômico onde as famílias participam e de certa forma gera renda [...] na medida que vamos nos inserindo, vamos buscando mais horizontes. (Feirante, 37 anos)

Para outros a realização das feiras vem como uma resposta aos grandes latifúndios, pois representa muito mais que a divulgação e comercialização dos produtos, traz nos alimentos produzidos um jeito diferente de trabalhar na terra e produzir, pois representa segundo dirigente, 23 anos, uma produção voltada para a vida [...] ao mesmo tempo que divulga, relaciona, aproxima o campo e cidade na perspectiva da relação dos alimentos, da cultura da produção, mas de vida também”. Podemos perceber a partir disso, que a mesma também assume seu caráter ideológico, complementa o dirigente, 58 anos:

É uma idealização e realização do MST, é para nos um importante espaço para dialogar com a sociedade, demonstrar que a luta do MST é para além da defesa da RA. (Dirigente, 58 anos).

Percebe-se que dentro do MST há um posicionamento ideológico, há também uma defesa política, na qual a ação das feiras proporciona novas formas de luta e afirmação, [...] da uma visibilidade de política que vai contra a ideologia de criminalização dos movimentos sociais, porque nas feiras se expõe uma produção que é um resultado do trabalho dos camponeses, da família camponesa” como destaca o dirigente, 33 anos, acrescenta; “do homem, da mulher, do jovem, então nesse sentido se torna um espaço econômico de comercialização”, isto é, há nesses espaços uma perspectiva para além da renda familiar, mas a oportunidade de proporcionar a inserção de todos da família no processo de produção e comercialização dos alimentos.



Figura 2: Visitantes, na 3ª Feira de Vitória da Reforma Agrária, compram, aprendem sobre agroecologia e trocam saberes entre campo e cidade / Fotos: Vitor Taveira

Destaco aqui também, o forte enraizamento dos conflitos sociais e seus desdobramentos ao longo da história, há dentro do conceito RA uma crítica social e completa da nossa sociedade agrária. Complementa o mesmo entrevistado [...] desconcentração de terras, é fazer com que as famílias tenham um processo produtivo, coletivo e organizativo de volta a dignidade”. Resulta dessa sistematização, uma crítica direta ao processo de distribuição de terras no Brasil, favoráveis as grandes empresas agroindustriais em um processo

produtivo individualista, conservador , voltado somente ao mercado externo e concentração de riquezas, o que resulta em diversas formas de violência contra os trabalhadores rurais.

A tomada de consciência e reconhecimento entorno do conceito de RA, reflete de maneira geral o conjunto de ideais do processo de formação das nossas instituições e principalmente classes sociais.

São territórios que os camponeses vêm construindo, através do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e aliados que, a partir da exposição e venda dos produtos da reforma agrária, contribuindo para a construção da reforma agrária popular. São nesses territórios que os camponeses constroem, mantem e fortalecem uma relação com os trabalhadores da cidade, através do fruto do trabalho e da luta pela reforma agrária, de forma direta .(Dirigente,29 anos)

Para tanto, as feiras de RA, são territórios camponeses que se vem construindo a partir do MST e outros aliados, na busca por uma política do trabalho mais justo, comunitário, capaz de produzir além de alimentos, crescimento cultural e profissional da população, sendo um espaço de fortalecimento entre todos os trabalhadores como destaca o dirigente.

Para além disso, esclarece o mesmo, “As feiras as da RA contribuem para a construção de experiências de cooperação, seja na produção, mas principalmente, na comercialização dos produtos da reforma agrária.”, isto é, na relação direta entre campo e cidade os camponeses tem a oportunidade de materializar o “ser camponês”, comercializando os seus produtos “sem o intermédio dos atravessadores, o que permite não apenas o comércio, mas uma relação dialógica, que em alguns casos, vão além dos dias de realização de cada feira.”

Para os feirantes “[...] as feiras cumprem seu papel organizativo na própria realização das feiras, na medida em que as famílias participam e tem que se preparar e organizar os produtos [...]”, sendo assim um processo de organização contínua desde antes, durante e depois, na qual o feirante projeta na sua unidade de produção um planejamento desde o plantio até o processo de

comercialização e beneficiamento do seu produto final “ela cumpre o papel nas dimensões econômicas, social, política de apresentação do movimento como um todo”.

A partir disso as feiras cumprem o papel de reafirmar a Reforma Agrária e seus aspectos sociais como destaca, o feirante, 37 anos, “as feiras cumprem um papel de inserir esse seguimento social que são os assentados [...]” completa o mesmo, que as feiras também contribuem como uma maneira mais organizativa como um processo de aprendizagem contínua.

As feiras cumprem também um papel organizativo, na medida em que as famílias participam, tem que se preparar para a feira, que organizar os seus produtos, tem que seguir em processo organizativo na própria realização da feira, cumpre também o papel de aprendizagem, porque a feira não é só espaço de produção agrícola, é também um espaço de produção de conhecimento, ela cumpre o papel nas dimensões econômicas, social e política, de apresentação do movimento para a sociedade como um todo. (Feirante, 37 anos)

Podemos perceber que a cada feira que acontece os feirantes estão cada vez mais articulados, organizados, enfrentando cada vez mais, novos desafios, como destaca o dirigente, 29 anos:

No processo de articulação de cada feira, ao preparar os produtos, as pessoas, preparam também a si mesmas para estarem na feira. Dessa forma, as pessoas se fazem presentes na feira, sejam elas mesmas ou a partir dos produtos, fruto do trabalho. A feira da reforma agrária é um fazer coletivo, seja na preparação dos produtos, no deslocamento para a feira, no alojamento, na alimentação, entre outros espaços e momentos da feira. (Dirigente, 29 anos)

Há dentro desse processo de organização produtiva, um fazer coletivo que vem sendo organizado em todas as regionais, pois cada feirante vai para as feiras da Reforma Agrária sabendo as suas funções, o feirante prepara seu produto e se prepara para participar, sendo todo articulado dentro das reuniões de base pelos grupos organizativos. Para que a realização das feiras seja possível há toda uma articulação com os assentados de diversos assentamentos

do estado do Espírito Santo, por meio de reuniões por brigadas³, assim era realizado nesses momentos todo um planejamento e articulação para acontecer às feiras, toda logística não somente da comercialização, mas também da alimentação dos feirantes, alojamento e também espaço cultural, mais especificamente noite cultural⁴.



Figura 3: Site do MST, www.mst.org.br, 19 de setembro de 2017, por Mariana Motta

Outras mudanças que os próprios feirantes conseguem perceber, estão no jeito de comercializar os produtos, desde os alimentícios até a produção de mudas ornamentais e medicinais, como afirma o dirigente, 33 anos, destacando que há uma diversidade maior por meio do resgate de mudas pouco conhecidas no mercado e avanços significativos no jeito de processar os alimentos para comercialização, saindo de um modo primário para o beneficiamento do mesmo, garantindo mais validade e qualidade ao produto. A mesma destaca que durante as primeiras feiras os alimentos de hortifrúti, verduras e legumes eram os principais produtos consumidos e que hoje há inserção da comercialização das sementes crioulas, e faz com que tanto o consumidor quanto o feirante a buscar por uma produção mais saudável. Há também no processo de compra dos

³ Conjunto e ou grupo de assentamentos por localidade/região.

⁴ Espaço Cultural para promoção da integração e lazer dos feirantes com os demais públicos, com atrações culturais de caráter social e político.

produtos a busca por alimentos produzidos de maneira mais artesanal, sem a presença produtos químicos e industrializados.

É também dito pelos mesmos, a mudança na própria organicidade das feiras, não somente dos produtos, mas; como também do espaço como um todo, para o feirante, 18 anos, “houve avanços das elaborações das místicas no espaço, da feira com mais qualidade, com mais verdade nas apresentações”, o que também faz parte da característica da feira. Os avanços e desafios ainda são bastante pertinentes dentro desse processo que vai além da comercialização, traz uma tomada de consciência, provoca no sujeito que participa do processo um movimento de ação e reflexão, na qual o mesmo busca cada vez mais aperfeiçoar o seu trabalho.

CAPÍTULO IV: AS FEIRAS DA REFORMA AGRÁRIA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO

A partir do que já discorremos podemos compreender como se dá o processo das feiras e a construção do conhecimento, o que garante um retorno/avaliação das feiras, para o aperfeiçoamento da comercialização, do trabalho, da organização e do diálogo entre o campo e a cidade. Durante as entrevistas com os dirigentes que foram constatados como se dá a construção do conhecido entre os mesmos, são durante os momentos das feiras que acontecem na relação dialógica entre o feirante e consumidor, sendo não somente um momento direcionado para troca de mercadorias, mas também de conhecimento, isto é, uma troca de ideias intermediada pela ação pedagógica e política que são as feiras, os mesmos percebem que as feiras não trabalham visando perspectiva econômica, mas também na formação da consciência e todo seu aspecto cultural, como as noites culturais, o teatro e as músicas, o que garante a partir disso, uma maior possibilidade de integração entre os camponeses e o público da cidade, seja eles consumidores ou apenas participantes dos momentos culturais. As místicas nos espaços das feiras da Reforma Agrária tem retratado temas como; as vivências do trabalhador do campo e sua forma de produção, sobre alimentação saudável, sobre a nossa luta de classe, sobre a atual conjuntura política, sobre a nossa cultura, e sobre a importância da mulher na sociedade.

De acordo com a Expressão Popular (2012), na militância, a mística é comparada a força de germinação que existe dentro da semente e faz com que os militantes tornem sujeitos de consciência social, e que a mística é um fazer coletivo onde se projetam; animadores, cantadores e poetas, como se fossem sementes a serem germinadas que muitas vezes não tem conhecimento do potencial trazido dentro de si, a mística nesse sentido faz com que a política torna-se arte e a arte acaba obtendo a função política em cada ação, em cada evento, que é na luta que ocorre a transformação do ser social que se reinventa, e que o indivíduo se auto-produz através da arte. Segundo a expressão Popular (2012), a mística ajuda na transformação do ambiente e cenários

sociais, além de impulsionar e provocar mudanças internas e externas em cada sujeito da mesma forma que acontece com as frutas, que quando crescem ganham a massa que dará volume, além de no seu interior abrigar a formação de sementes.

Nos momentos de atividades culturais da feira tivemos apresentações de diversos gêneros musicais, tais como, o hip hop, a musica raiz, a moda de viola, e em todas as edições da feira da Reforma Agrária, te tido o nosso tradicional forró com o grupo Chapéu de Palha, um grupo de jovens assentados que nasceu dos encontros e dos eventos, e dos momentos de festividades, os jovens assentados eram chamados para a animação e a partir dai passaram a se encontrar para os ensaios de forró e musica raiz, a partir dai surgiu o grupo Chapéu de Palha que passou a levar animação desde os eventos internos dos assentamentos aos encontros regionais, sendo que esses jovens já participaram de atividades culturais em outros estados divulgando a nossa cultura, os primeiros integrantes do grupo Chapéu de palha foram; o Adnaldo, o Luciano, conhecido como o Negão da zabumba, o Altair conhecido como Paizinho, e Leandro conhecido como já morreu. No grupo atual nem todos os primeiros integrantes estão fazendo parte dele, mas eles se juntam sempre que tem uma oportunidade nas animações dos eventos do MST.

Já no espaço de formação, onde acontecem os debates e palestras fica explicito que o objetivo do MST não e só produzir alimentos, mas e também dialogar com a sociedade. É nesse espaço de formação que o trabalhador do campo e da cidade enriquece o seu conhecimento, e a partir da socialização dos seus saberes e tradições culturais, se posicionam para falar do fruto da resistência da classe trabalhadora, que são os alimentos saldáveis produzidos pelos mesmos sem destruir a natureza, e é importante ressaltar que esse alimento produzido pelo trabalhador do campo, se difere do modo de produção capitalista que em muitas vezes vendem alimentos contaminados por agrotóxicos ou com quantidade elevada de conservantes, produzidas por empresas apenas para visibilizar lucro.

Nesse espaço de debate, também é onde se destaca as palestras, os diálogos de formação política onde se é exposto todos os assuntos pertinentes

sobre a atual conjuntura, esse espaço é de formação de cidadãos conscientes que luta por vida digna, alimentação de qualidade, educação e saúde, é também nesses espaços de formação que o trabalhador do campo e trabalhadores da cidade se une em um propósito de aprendizado coletivo para o fortalecimento das lutas em comum.

o conhecimento se dá na relação, na medida em que se teve o diálogo, que não é só uma relação econômica, é uma relação política pelo menos para nós, por esta expondo o que produzimos, e o conhecimento se dá na medida que há essa troca, e não só a troca do dinheiro, papel, moeda pelo produto, mas, é no dialogo ali com as pessoas, na medida que a gente está se relacionando na ação que é a feira. Então, a feira não é só uma relação econômica, nós trabalhamos uma formação, trabalhamos os momentos culturais: como as noites culturais o teatro e as músicas. Então construímos conhecimento a partir disso [...]. (Dirigente, 35 anos)

A troca de conhecimento entre os feirantes e consumidores, vai além de contato comum dentro das relações de troca, é a partir disso que os consumidores têm a oportunidade de conhecer melhor o produto, sua originalidade, o modo de uso e suas indicações, o que não se tem quando se compra os produtos diretamente nos supermercados, farmácias e outras indústrias. Os mesmos percebem que; os eventos das feiras proporciona um conhecimento pessoal, no aspecto da organização e planejamento dos produtos, sejam elas nas vendas, da organização local, na organização interna das barracas, sendo algo planejado e executado não somente pelo dono da barraca, mas por um coletivo “traz para a nossa organização, um aspecto muito positivo, criativo, relevante [...] é totalmente diferente, não é como organizar uma feira Municipal”, como destaca o (feirante, 49 anos), ficando mais evidente quando os mesmos destacam até mesmo as mudanças de perspectivas de uma feira a outra, destacando que durante a primeira edição a preocupação era atender e garantir variedade e quantidade de produtos. Já nas edições seguintes (II e III) as preocupações eram evoluir na qualidade e apresentação dos produtos, “Houve avanço na variedade de produtos beneficiados e industrializados. A identificação dos produtos (origem, ingredientes, produtor, validade, etc...) foi melhorando, mesmo que há necessidade de evolução”, complementa o (dirigente, 29 anos).

Os feirantes conseguem também perceber que a organização está para além das vendas individuais, há dentro da organicidade uma proposta para atender as demandas dos outros feirantes dos demais assentamentos, na qual os que estão na feira, são corresponsáveis na venda e exposição dos produtos dos que não foram, sendo um ação coletiva de um grupo social, completa o (feirante, 27 anos), “aqui encontramos pessoas de acampamentos e assentamentos, e vamos criando experiências de trabalho coletivo”, há dentro dessa colaboração, a confiança, a autonomia e a responsabilidade. Assim destaca o dirigente, 66 anos, “[...] desde a organização das famílias até o processo de prestação de contas de cada banca”.

Dentro desse processo de materialização das feiras há um despertar da consciência coletiva, das lutas comuns, do fortalecimento das organizações sociais, os feirantes percebem que o movimento de realizar as feiras fortalece, mas ao mesmo tempo precisam estar cada vez mais organizados para garantir novas conquistas, “outro fator é que precisamos avançar na cooperação, solidariedade e organização, que é o que permite a construção de outras feiras e outros espaços de socialização [...]”, como destaca o (dirigente, 21 anos).

Desperta nos mesmos, o sonho da utopia, do desejo concretizado dentro das feiras, pois são nesses espaços que os mesmos podem lutar por sua classe e ter um melhor posicionamento político.

Passei a entender melhor sobre a classe na qual estou inserida, e defender a minha posição como integrante da classe trabalhadora. Deixei de sonhar por um mundo melhor, passei a lutar por isso. O contato direto com a organização, com o evento, com o povo, me amadureceu muito como ser humano, me dá liberdade de ser quem eu sou [...]. (Feirante, 18 anos).

Para os feirantes, a proposta de realização do evento esclarece para o público da cidade a ideia e objetivos das organizações e movimentos sociais que ali estão inseridos, desfazendo conceitos pré-estabelecidos por alguns grupos, por meio da inserção dos movimentos sociais na sociedade. De acordo com os entrevistados, a feira se destaca como uma ferramenta constante de produção de conhecimento, tanto para o feirante quanto para o consumidor, sendo um espaço para troca de ideias, aperfeiçoamento dos produtos, das técnicas de trabalho, do jeito de se organizar tanto para vender quanto organizar os

produtos, percebe-se também que há uma troca de experiência entre os próprios feirantes, na qual cada um compartilha seu modo de produção, troca sementes, mudas, receitas entre outros.

Por tanto, esse evento proporciona uma circulação do conhecimento tanto popular tanto científico, mas o que mais se destaca é a união entre as pessoas, a curiosidade de conhecer o outro e também reencontrar os companheiros de luta, o que proporciona o fortalecimento das relações afetivas, “quando reencontramos os nossos companheiros de assentamento e acampamento, através das feiras há um reencontro de companheiros de luta.”

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos que as Feiras da Reforma Agrária vêm sendo um importante espaço de construção de conhecimentos, na qual contribui de maneira mais ampla para o diálogo com a sociedade por meio da disponibilização dos frutos in natura, exposição cultural e outros diversos produtos beneficiados pelos próprios camponeses, isto é, na exposição e vendas de alimentos saudáveis contextualizados com a realidade dos assentamentos e acampamentos de Reforma Agrária.

Nos espaços onde ocorrem as feiras de Reforma Agrária, a relação entre os produtores de alimentos e os consumidores é prioridade, pois eles têm uma oportunidade de dialogar sobre a procedência de seus produtos, nas quais têm sido produzidas de maneira diversificada, entre elas hortaliças, frutas e algumas iniciativas envolvendo panificação e outras massas, além de doces sucos, geleias licores e entre outros beneficiamentos. Essa relação de venda e compra entre agricultor e consumidor cria possibilidades para relações sociais e econômicas, oferecendo assim aos consumidores uma diversidade de alimentos de boa qualidade para o consumo com preço justo, acessível para toda a sociedade.

É também nesses espaços que além de estabelecer uma relação entre produção e consumo, faz ao mesmo tempo um espaço de reafirmação cultural, a partir das trocas de experiências, encontros e vivências entre agricultores. A partir disso é fortalecida também a comunicação entre campo e cidade, além da divulgação dos produtos, do trabalho e da identidade camponesa, ressaltando por fim a importância e a necessidade da continuidade da luta do projeto de Reforma Agrária.

Criam-se a partir desse espaço social, político e cultural, possibilidades para troca de várias experiências, sejam elas populares e/ou científicas, além de ser um espaço que garante o reconhecimento do trabalho camponês e dos próprios produtos produzidos pelos mesmos. As feiras da reforma agrária contribuem de maneira muito mais alargada sobre o próprio conceito do território camponês. A mesma também traz um retorno ao feirante no seu espaço de atuação, na qual o

mesmo projeta diferentes maneiras para aperfeiçoar no trabalho de produção e vendas dos seus produtos.

Além da exposição e venda dos produtos, o desenvolvimento de seminários, atividades artísticas e palestras contextualizadas com a realidade camponesa, sendo espaço frequentado por crianças, jovens e adultos.

As feiras de reforma agrária nunca foram somente uma relação de troca de mercadorias, os objetivos das feiras vão além de seu papel econômico para geração de renda das famílias, em síntese, a comercialização dos produtos representa um posicionamento tanto pedagógico quanto político, pois são nesses espaços que estão propostas de um novo jeito de dialogar com a própria vida, de questionar a nossa própria organização e principalmente nos conscientizar do nosso papel enquanto ser social.

Durante a 1ª e a 3ª edição as Feiras de Reforma Agrária vem avançando cada vez mais, por meio dos números de feirantes e consumidores, da variação de produtos, da participação do público jovem que também contribui nos espaços de formação política. Um dos maiores avanços a cada feira é percebido na organização e comercialização, que apesar dos desafios pertinentes de atender cada vez mais a necessidade de produtos industrializados, elaborados, esteticamente perfeitos, rotulados e prontos ao consumo, a feira demonstrou seu potencial na variação dos mesmos, pela qualidade, pelo modo de produção e a própria venda que proporciona ao consumidor o dialogo direto com o feirante, além ter seu diferencial com produtos que atendem a uma proposta agroecológica.

Outros avanços também são percebidos quanto à organização interna das famílias, que ao comercializar seus produtos sem o intermédio de atravessadores, os mesmos retornam para casa com expectativas quanto ao planejamento e gerenciamento da produção em suas propriedades. Além de potencializar e valorizar o trabalho da mulher dentro de todo processo, garantindo mais autonomia financeira, social e também formação política. Mesmo com as feiras acontecendo apenas uma vez ao ano, a mesma tem sido um elemento de motivação para o envolvimento da família, seja por proporcionar um aumento na renda e também provocar no feirante a valorização do seu

próprio trabalho como uma contribuição para seu meio social, na qual o trabalhador do campo percebe que sua função está além da sua força de trabalho empregada sobre a terra de maneira mecânica. Visto isso, se percebe a necessidade de continuidade das feiras em outros espaços criando cada vez mais o diálogo entre o campo e a cidade.

Percebe-se que a materialização das feiras consegue projetar para o público da cidade e também do campo, a função social da terra por meio de um modelo de produção agroecológico, mais humanizado, contextualizado, saudável e justo, pois a luta que antes era por terra passa agora a ser uma luta por um novo jeito de produzir, comercializar e consumir. Projeta-se a partir desse momento de contato entre o trabalhador camponês e o trabalhador da cidade uma necessidade de uma luta em comum, de como trabalhar a terra, a produção de alimentos voltados para uma proposta saudável de produção de vida para ambos.

Há nas feiras da Reforma Agrária a construção de uma aliança entre o campo e a cidade, na qual há uma grande possibilidade de potencializar as lutas em comum, romper a submissão ao agronegócio e enfrentar os problemas estruturais da nossa sociedade brasileira.

As feiras da Reforma Agrária avançou no objetivo social, que é divulgar a produção camponesa ao mercado consumidor, e esse contato direto do trabalhador do campo com os trabalhadores consumidores da cidade, cria se mais autonomia em falar para a sociedade que temos relações distintas das relações do agronegócio, que em suas praticas de trabalho não há concentração de terras e não explora mão de obra, avançou no sentido de mostrar que o trabalhador do campo em seu diálogo com o trabalhador da cidade, há sempre um dialogo informativo sobre as sua relação com a terra, sobre a sua relação com os recursos naturais como um todo, da sua relação de trabalho do seu conhecimento adquirido com os seus ancestrais e com as praticas diárias, ele fala da nossa cultura, pois tudo é distinto, e nessa socialização do conhecimento entre trabalhadores ,tanto o trabalhador do campo quanto o trabalhador da cidade, há sempre um saber que contribui para o enriquecer o conhecimento de ambos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Dicionário da Educação do Campo/Organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil pereira, Paulo Alentejano e Gaudêncio Frigotto.-2.ed.Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular,2012.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

LEFF, E. **Agroecologia e saber ambiental. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v.3, n.1, p. 36 – 51, jan/mar. 2002.

MANCIO, D. MOREIRA, R. C. **A dependência latina americana e a reprimarização da economia**. In XVII encontro nacional de economia política, Rio de Janeiro. Anais XVII Encontro Nacional de Economia Política, 2012.

MARX, K. **O capital: crítica da economia política**. Tradução Reginaldo Sant’Anna. 13. ed.Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. Livro 1, v. 1 e 2.

MINAYO, M. C. S.; MINAYO-GOMÉZ, C. **Difíceis e possíveis relações. Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MST, **A Reforma Agrária Necessária**, publicação do “Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra”, 1ª ed. Outubro de 2006.

MST, **História do MST**, construção coletiva do curso de história ITERRA / UFES turma Eduardo Galeano- Veranópolis, Dezembro de 2015.

MST, Notas introdutórias e análises de agroecossistemas,2005.

MST **Programa Agrário do MST** – Texto em construção para o VI Congresso Nacional, é uma publicação do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, São Paulo, 2014.

OLIVEIRA, A.U.de. **A agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

SILVA, J.G **A modernização dolorosa**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

STEDILE, João Pedro (org.) **A Questão Agrária no Brasil**. O debate tradicional 1500-1960.São Paulo: Expressão Popular,2005.pp. 15-31

APÊNDICE 1

ROTEIRO PARA ENTREVISTA COM FEIRANTES E DIRIGENTES

- 1- O que são as feiras da Reforma Agrária para você?
- 2- Qual o papel das feiras na organização produtiva das famílias assentadas em Sua opinião?
 - a) De que forma?
- 3- Quais os avanços na organização produtiva, você percebeu entre a primeira a terceira feira a Reforma Agrária?
- 4- O que as feiras da reforma agrária trouxeram de aprendizagem para você?
 - a) COMO?
 - b) quais
- 5- como se dá a construção do conhecimento na perspectiva política e cultural nas feiras da reforma agrária popular?**